

A IMPORTÂNCIA DO PIBID NAS AULAS DE GEOGRAFIA: O ENSINO/APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA ATRAVÉS DA LINGUAGEM IMAGÉTICA

José Márcio Santos SILVA - ID¹

Graduando em Geografia. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB. E-mail: santoa125@yahoo.com.br

Josandra Araújo Barreto de MELO²

Coordenadora da Área de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB. E-mail: ajosandra@yahoo.com.br.

RESUMO

Este artigo vem apresentar os resultados da experiência desenvolvida na atuação junto à Universidade Estadual da Paraíba, através do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Geografia, nas turmas do primeiro ano do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente), em Campina Grande/PB. A partir do mesmo, foi possível analisar o desenvolvimento das turmas envolvidas com relação à leitura e interpretação de textos geográficos, com a utilização de imagens e charges, recursos de grande importância para o estudo de Geografia em sala de aula. Fundamentado em teorias de estudiosos da área em questão, o presente estudo relaciona a teoria e a prática, objetivando conseguir fazer com que os alunos fossem capazes de compreender a Geografia a partir da inter-relação entre a linguagem escrita e a linguagem das imagens, como também das informações e experiências cotidianas de cada aluno, em busca da transformação desses conhecimentos em conhecimento científico, a partir da inter-relação entre as diversas escalas geográficas. Por fim, estima-se que a intervenção/colaboração com a utilização de imagens e charges, tenha sido responsável pela melhoria no ensino nas turmas envolvidas no PIBID/CAPES/UEPB/Subprojeto de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Experiência; Imagens e charges.

1. INTRODUÇÃO

São muitos os estudos que buscam, além da compreensão, resultados que ajudem a desenvolver boas práticas de leitura ao longo da vivência escolar. Segundo matéria publicada na revista *Veja*, em Maio de 2011, no Brasil, estima-se que ao final do ensino básico 62% dos jovens são incapazes de ler e interpretar de maneira eficiente determinados textos, científicos ou não, e 89% não sabem fazer operações aritméticas básicas, isso em um país que ainda abriga 14 milhões de analfabetos e que aparece na 53ª posição entre os 65 avaliados pelo *Programme for International Student Assessment* - PISA, o mais rigoroso teste comparativo internacional de desempenho escolar.

A transformação da educação depende de mudanças na sociedade, pois a forma de organização socioeconômica interfere no trabalho escolar e no rendimento dos alunos. Muitas crianças precisam trabalhar ao invés de irem à escola. A pobreza e as condições adversas de vida das crianças e jovens e de suas famílias, sem dúvida, geram dificuldades para a aprendizagem dos alunos, conforme destaca José Carlos Libâneo:

Um dos mais graves problemas do sistema escolar brasileiro é o fracasso escolar, principalmente das crianças mais pobres. O fracasso escolar se evidencia pelo grande número de reprovações nas séries iniciais do ensino de 1º grau, insuficiente alfabetização, exclusão da escola ao longo dos anos, dificuldades escolares não superadas que comprometem o prosseguimento dos estudos (LIBÂNEO 1994, p. 40).

Isso tudo significa que se devem compreender os problemas na educação pública dentro da problemática maior da estrutura social.

Por outro lado, as estatísticas brasileiras fazem acreditar que a escola terá cumprido sua missão se criar um sujeito ajustado, ainda que não saiba as operações básicas nem consiga escrever dois parágrafos inter-relacionados. Isto é uma constatação que se presencia na prática. Ao ingressar em sala de aula por intermédio do estágio supervisionado, exigência da licenciatura e, posteriormente através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), percebeu-se a dificuldade dos alunos quanto à leitura e interpretação de textos da disciplina Geografia.

Nesse contexto, a proposta de intervenção vem sendo realizada nas aulas de Geografia da professora supervisora do PIBID na E.E.E.F.M. Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente), Campina Grande/PB. Nas turmas de 1ª Série do Ensino Médio, foi diagnosticada uma lacuna nas habilidades de leitura e interpretação dos textos do livro didático por parte dos alunos, o que motivou o uso de imagens e charges que ilustram os conteúdos, procurando articular as diversas escalas geográficas.

Fundamentado em teorias acerca da questão, a ação implementada na escola e analisada neste artigo, procurou fazer com que os alunos fossem capazes de compreender a Geografia a partir da inter-relação entre a linguagem escrita e a das imagens, como também das informações e experiências cotidianas em busca de sua transformação em conhecimento científico, a partir da articulação entre as escalas geográficas.

A proposta em análise se encontra fundamentada em alguns trabalhos já realizados e que apresentaram resultados proveitosos para o processo de ensino-aprendizagem, podendo-se citar Silva (2004), Souza (2009), Santos (2009), Gonçalves

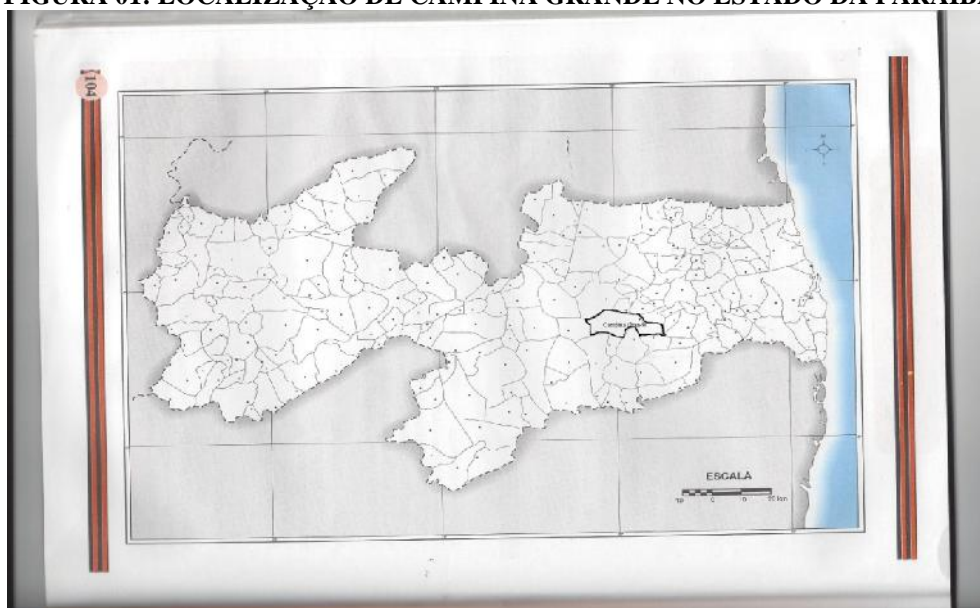
(2009), em que se buscou com o uso de imagens e charges facilitar o entendimento de temas essencialmente geográficos.

2. METODOLOGIA

2.1. Localização e caracterização da área de estudo

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo - Polivalente localiza-se na Avenida Elpídio de Almeida, bairro do Catolé, em Campina Grande-PB (Fig 01).

FIGURA 01: LOCALIZAÇÃO DE CAMPINA GRANDE NO ESTADO DA PARAÍBA.



Fonte: Melo

Fundada há mais de 30 anos, a escola representa um espaço significativo dentre as escolas públicas da cidade. Atende a alunos de diversos bairros nas modalidades Ensino Fundamental e Médio, além de trabalhar com Educação de Jovens e Adultos. É mantida pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba e recursos do FUNDEB (Fundo Nacional de Educação Básica), PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) e PDDE (Plano de Desenvolvimento Direto para a Escola).

A escola, além de direcionar suas ações à comunidade, estabelece parceria com o meio acadêmico, recebendo estagiários das variadas áreas do conhecimento e envolvendo-se em programas e projetos que julgam capazes de contribuir para a elevação da qualidade do ensino oferecido na instituição, a exemplo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

2.2. Método

O trabalho desenvolvido na escola faz uso prioritário do método fenomenológico-humanista que, segundo Sposito (2000), utiliza “técnicas não quantitativas como entrevistas livres, depoimentos, vivências, memórias, narrações, histórias de vida etc. O concreto é colocado em suspensão para que se alcance o eu puro frente ao qual esta o fenômeno puro” (SPOSITO, 2000, p. 351).

Nestes termos, ao considerar o ensino sob uma visão humanizada, destaca-se a importância do professor selecionar meios de trabalhar os conteúdos geográficos, inter-relacionando a escala global com a local, ou seja, com o cotidiano do aluno.

2.3. Técnicas

As técnicas implementadas começaram com a aplicação de questionários nas turmas dos 1º anos “A” e “D” do Ensino Médio, envolvidas no PIBID, subprojeto de Geografia, visando diagnosticar a percepção dos alunos em relação à disciplina, as principais dificuldades no ensino-aprendizagem dos conteúdos, dentre outras questões.

Identificadas às demandas, foi elaborado um projeto de intervenção/colaboração¹ para as referidas turmas, que objetivou trabalhar com imagens e charges, procurando atingir os objetivos da proposta e, conseqüentemente, amenizar as deficiências diagnosticadas pelos questionários e conhecimento prévio da turma.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas aulas de Geografia, foi possível perceber um desinteresse por parte dos alunos em relação aos conteúdos do livro didático que, em quase sua totalidade, distanciam-se bastante da realidade. Isto, de certa forma, contribui para o descrédito da disciplina, pois somente uma pequena parcela consegue fazer conexões entre o conhecimento geográfico apresentado no livro com a sua realidade. Além disso, foi possível observar como é difícil para os alunos conseguirem compreender os conteúdos do livro, visto que não apresentam boa prática de leitura e interpretação textual, configurando-se como uma deficiência trazida das séries iniciais da educação básica.

Mediante essas constatações, foi posta em prática a proposta de intervenção, a partir do trabalho com o uso de imagens e charges relacionadas aos conteúdos trabalhados em sala de aula, na sequência relatada a seguir. Primeiramente, foi

¹ Projeto que vem sendo executado com a anuência da professora titular de Geografia, que exerce o papel de supervisora no âmbito do projeto PIBID/UEPB.

trabalhado o capítulo do livro didático², que mostra a relação entre sociedade e natureza na organização do espaço, em que se destaca a cidade de São Paulo e uma área rural próxima a Londrina no Paraná, associando ao fato do ser humano atuar no espaço geográfico, transformando-o constantemente.

É possível verificar a distância entre os conhecimentos dos alunos de C. Grande e a área escolhida como exemplo para a temática pelos autores do livro didático. Dessa forma, em consonância com a opinião de Cavalcanti (2002) quando diz que “a escola deve fazer uso de outras linguagens e de outras formas de expressão para procurar se aproximar mais da realidade dos educandos”, procurou-se fazer uma articulação com a escala local, trazendo-se para a sala de aula uma fotografia aérea da cidade de Campina Grande (Figura 2), identificando os espaços rurais contidos no urbano que, dependendo das necessidades socioeconômicas, vem sendo transformado pela ação humana, contribuindo para configurar o espaço geográfico.

FIGURA 02: CAMPINA GRANDE: O URBANO E O RURAL



Fonte: Google Imagens.

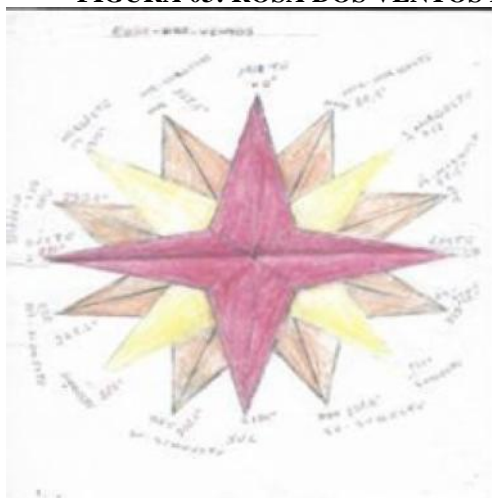
Procedimentos semelhantes foram utilizados por Souza (2009) nas aulas de Geografia do ensino médio do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves, BA.

Ainda no capítulo inicial do livro didático, tratando da elaboração dos primeiros mapas, cujo objetivo predominante era localizar-se na superfície terrestre para a conquista de novos territórios, utilizou-se a Rosa dos Ventos (Figura 3) com a

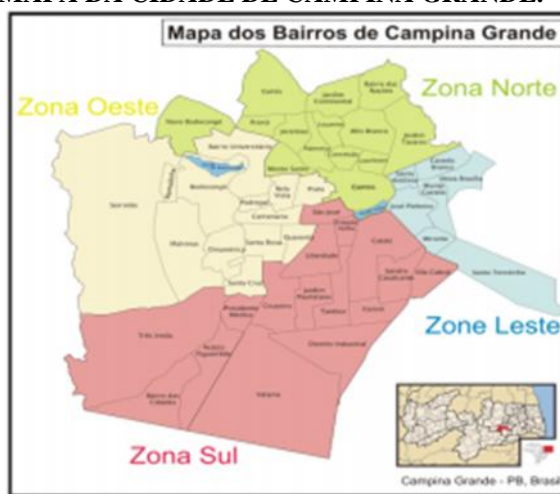
² BIGOTTO, José Francisco. Geografia: Sociedade e Cotidiano, fundamentos. José Francisco Bigotto, Márcio Abondanza Vitiello, Maria Adailza Martins de Albuquerque. -1ed – São Paulo: Escala Educacional, 2010. – (coleção Geografia: Sociedade e Cotidiano).

finalidade de localização e orientação no espaço vivido pelos alunos. Para isso, utilizou-se o mapa da cidade de Campina Grande, também integrante da Figura 3.

FIGURA 03: ROSA DOS VENTOS E MAPA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.



Fonte: Acervo dos Autores



Fonte: Google Imagens

Já em sala de aula e de posse do mapa (Figura 3), pediu-se aos alunos que identificassem seu bairro e rua, evidenciando os pontos de orientação (cardeais, colaterais e subcolaterais). Tal atividade possibilita, além do conhecimento do espaço vivido sob um ângulo diferente, uma melhor localização e orientação do/no lugar. Além disso, tal atividade também ajudou a desmistificar a cartografia, considerada complexa pela maioria dos alunos, e até por professores.

O segundo capítulo do livro abordou as categorias de análise paisagem, lugar e região. Para se trabalhar com imagens e relacionar com a escala local, utilizou-se fotografias que representam os processos naturais e socioeconômicos que moldam as feições da paisagem, além do tempo histórico, cíclico e geológico na formação e transformação da mesma, ficando mais perceptível sua modificação pela ação humana.

Para comprovar as metamorfoses ocorridas na paisagem da área urbana da cidade de Campina Grande, buscaram-se espaços da cidade disponíveis e frequentados pelos moradores e estudantes que, no pensamento de Gonçalves et al. (2009):

Neste caso é fundamental que a leitura de diferentes tipos de imagens seja oferecida aos alunos no intuito de buscar a aquisição de habilidades de leitura, tomando-se como referencia que uma mesma imagem pode ser interpretada de diferentes aspectos, permitindo a comparação e o confronto das diferentes leituras e das limitações dos próprios leitores (GONÇAVES, 2009, P. 16).

Optou-se por fotografias que retratam o passado e o presente, (“rugosidades” termo usado por Milton Santos referindo-se a formas do passado visualizadas no presente), na paisagem. A Figura 4 apresenta as imagens utilizadas.

FIGURA 04: SERIE DE FOTOS DO ENTORNO DO AÇUDE VELHO – CAMPINA GRANDE/PB, EM DIFERENTES EPOCAS. (1975; 1999; 2009; 2013).



Fonte: Retalhos históricos e acervo dos autores.

O mecanismo de trabalhar a paisagem local, além de proporcionar uma discussão quanto à evolução do espaço urbano, analisando as formas e funções urbanas, também possibilita aos alunos perceberem a dinâmica do espaço geográfico, o qual está em constante transformação pelos agentes modeladores.

Também foi realizado um resgate sobre o lugar enquanto categoria de análise, tendo em vista atentar-se para a sua importância no contexto escolar, conforme destaca Ab'Saber (2001) quando diz o seguinte: “a principal missão do professor de Geografia é ajudar o aluno a entender o local onde vive e atuar sobre ele”. Nesse sentido, para trabalhar o lugar na perspectiva de aproximar o aluno de sua realidade, precisou-se selecionar as imagens de forma que retratassem o lugar e o cotidiano vivenciados.

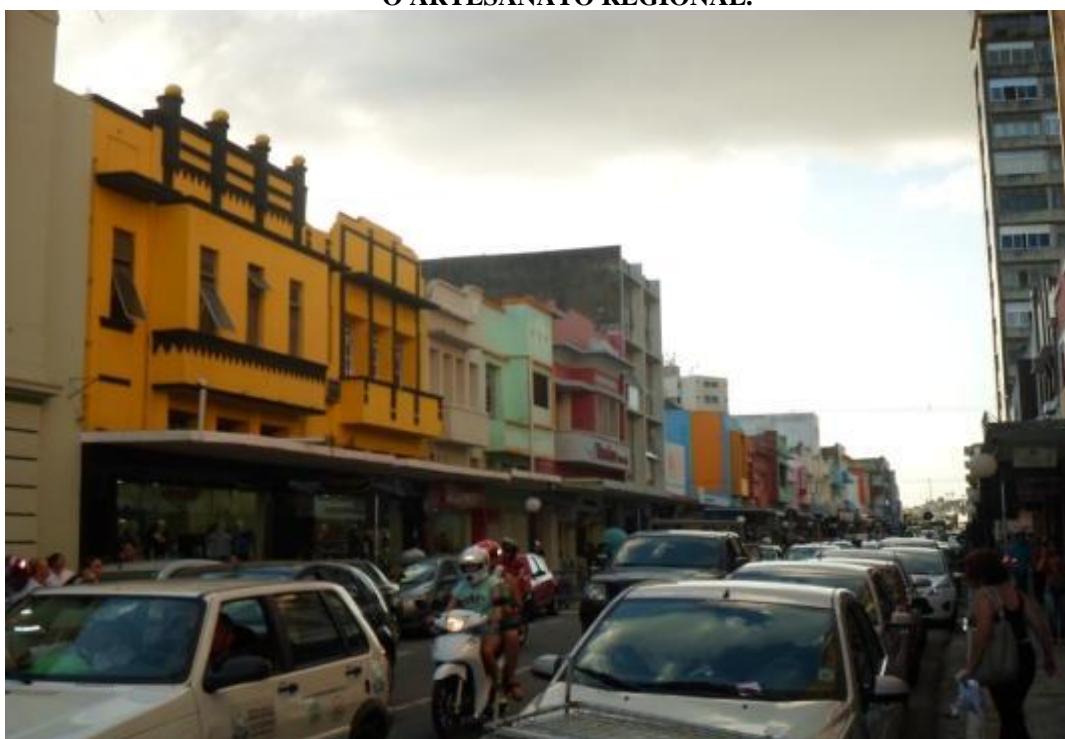
A partir dessa constatação e da compreensão de que todos os fatores característicos do lugar podem ser observados no próprio ambiente escolar, onde o sentimento de pertencimento, a afetividade, as relações sociais que aproximam os alunos e possibilitam a vivência do lugar na sua totalidade estão presentes, foram utilizadas imagens do pátio e redondezas da Escola Polivalente, no intuito de demonstrar os elementos que caracterizam a categoria lugar e que são vivenciados pelos alunos. Atitude semelhante pode ser identificada no trabalho desenvolvido por Santos et al. (2011) como subsídio às aulas de Geografia em uma escola estadual de Itabuna-BA. Estas experiências estão ancoradas na compreensão de Travassos (2001):

A partir da percepção que os alunos têm do meio em que vivem, é possível que o currículo da Geografia possa ser trabalhado de uma forma dialogada e interativa, caracterizada por uma constante troca de experiências, permitindo que os limites da escola possam ser extrapolados e que nossos alunos se tornem atores bio- psico- sociais capazes de adquirirem uma postura crítica em relação aos fatores naturais, científicos e sociais (ibidem, p. 2).

Para abordar a categoria região, devem-se considerar dois aspectos primordiais os econômicos e os culturais. A concepção econômica refere-se ao fato de as relações sociais estarem associadas ao meio técnico-científico-informacional que penetra com mais força em determinadas regiões e com menor intensidade em outras. Referindo-se aos aspectos culturais de uma região, destaca-se o conjunto específico de relações culturais entre um grupo e o lugar, que constitui sua identidade.

No intuito de demonstrar aos alunos como os fatores evidenciados estão presentes no cotidiano, utilizou-se fotografias que demonstram características peculiares da região de Campina Grande, conforme Figura 5.

FIG. 05: RUA MACIEL PINHEIRO (COMÉRCIO PUJANTE) E MOSAÍCO REPRESENTANDO O ARTESANATO REGIONAL.



Fonte: Acervo dos autores

Mecanismo pedagógico semelhante buscando “aproximar” o global do local pode ser identificado através do trabalho de Silva (2006), que destaca a importância de orientar os alunos na perspectiva de que não sejam influenciados pela mídia nas análises, em sua maioria, superficiais acerca das particularidades de cada região, pois:

As informações vêm de forma global e desconexa através dos múltiplos apelos da sociedade tecnológica. A escola precisa aproveitar essa riqueza de recursos externos, não para reproduzi-los em sala de aula, mas para polarizar essas informações, orientar as discussões, preencher as lacunas do que não foi apreendido, ensinar os alunos a estabelecer distâncias críticas com o que é veiculado pelos meios de comunicação (KENSKI, 2005, p. 143).

A categoria geográfica território remete a ideia de poder, seja ele sob a visão antropológica associada à área vivida por uma comunidade indígena, na qual sobrevive e mantém sua cultura e, ainda na perspectiva econômica em que, segundo Santos (1999), para aqueles que têm o poder econômico e político o território constitui-se como um conjunto de recursos a serem explorados; para os que não tem, ele constitui um abrigo onde busca uma adaptação constante ao meio geográfico. Nas turmas em evidência, o território foi abordado com o apoio de charges dispostas na Figura 6.

FIGURA 06: CHARGES UTILIZADAS PARA TRABALHAR O TERRITÓRIO



Fonte: Google Imagens

Ambas as charges passam a ideia de poder exercido sobre o território pelos diferentes agentes atuantes no espaço geográfico. Passam respectivamente o domínio dos grandes proprietários de terras que, com seu potencial econômico, se sobressaem em relação aos demais. Na charge seguinte, identifica-se a influência das relações de poder paralelo que ameaçam a vida social regulada pelo poder democrático. Atividade similar foi desenvolvida por Souza (2009) nas aulas de Geografia do Ensino Médio (3ª série), do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves (Castro Alves/BA) obtendo-se retorno satisfatório, por parte do alunado.

A partir do uso das charges, verificou-se que foi bem mais fácil e agradável aos alunos discutirem sobre o que estavam tratando. Ao entender que os conteúdos geográficos apresentados pelo currículo oficial necessitam de recursos pedagógicos, no intuito de “facilitar” a compreensão, apoiamos Souza (2009) quando diz que “a junção da música com imagens (charges, fotos, figuras, vídeos), a fim de trabalhar conteúdos geográficos de forma dinâmica e integrada à realidade dos alunos, pois sabemos que vivemos numa sociedade midiática, onde a força das imagens também é muito grande”.

Ao longo das aulas, percebeu-se o avanço que estava acontecendo, pois já se estava conseguindo obter da fala dos alunos a relação que existia entre a imagem e o texto. Foi possível verificar que ao se utilizar os recursos de imagens e charges, relacionando-os aos elementos geográficos inseridos no cotidiano, houve um maior reporte ao espaço vivido, estimulando a curiosidade e a vontade dos alunos em conhecê-lo melhor, principalmente por ser raro o trabalho com imagens que retratam a realidade próxima e não ficando somente com as selecionadas pelo livro didático.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de atuação no programa PIBID está proporcionando experiências e oportunidades ímpares que só na prática como futuros professores de Geografia poder-se-ia experimentar. Viver o contexto escolar como profissionais em formação e não mais como alunos, fez emergir uma série de indagações e questionamentos de como proceder em sala de aula, como intervir/colaborar nos conteúdos junto às turmas e de quais os resultados iriam sair desta experiência.

Implantar a proposta de se trabalhar com a utilização de imagens e charges no intuito de aprimorar a leitura e o entendimento das categorias geográficas está envolto de expectativas positivas que se conseguirá minimizar a grave deficiência da “leitura e compreensão” originados já nos anos iniciais da educação básica e que se configura numa espécie de “bola de neve” que transpassa todos os demais ciclos, chegando inclusive até os mais superiores.

A mudança na metodologia trouxe um grande desafio, principalmente o de despertar nos alunos o interesse pela leitura, sua maior dificuldade. Assim, recorreu-se ao uso de imagens e charges, como fotografias do espaço de vivência, charges e mapas que se inter-relacionassem com o contexto de vida de cada um, e construir também a relação que estas imagens e informações possuem com os textos de Geografia.

Por fim, estima-se que a intervenção/colaboração com a utilização de imagens e charges, tenha sido responsável pela melhoria no ensino nas turmas envolvidas no PIBID/UEPB/Subprojeto de Geografia.

5. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio concedido, mediante bolsas, efetuado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

6. REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. A Geografia do bairro. **Nova Escola**. 2001, ano XVI. V. 139, p.15.

BLOG

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **História e Geografia**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, vol. 5, 2001.

CANDAU, V. M. (org.). A didática em questão. In: LUCKESI, C. C. **O papel da didática na formação do educador**. 23ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 25-33.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

GONÇALVES, R. M. A linguagem imagética na escola e no ensino da Geografia. Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. **Anais...** Porto Alegre, 2009.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

KAERCHER, N. A. Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: NEVES, I. et. Al. (Orgs). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MELO, A. S. T. de; RODRIGUEZ, J. L. **Paraíba: desenvolvimento econômico e a questão ambiental**. João Pessoa: Editora Grafset, 2004.

PASSINI, E. Y. Convite para inventar um novo professor. In: _____. et al. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007, p.44-47.

PILLAR, A. D. Leitura e releitura. In: PILLAR, A. D. (Org.) 6ª ed. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011, p.07-17.

REVISTA VEJA. **Preconceito contra a educação**. Edição 2218, ano 44, nº 21, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, R. de C. E. dos. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teórica e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3. 2011.

SILVA, E. I. da. Charge, Cartum e Quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de Geografia. **Revista Solta a Voz**. V. 18, nº 1, 2007. p. 42.

SILVA, O. A. Geografia: **Metodologia e Técnicas de Ensino**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004. p. 77- 78.

SOUZA, H. R. O cotidiano na Geografia, a Geografia no cotidiano. Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. **Anais...** Porto Alegre, 2009.

SPOSITO, E. S. et al. **Dissertação, tese e metodologia**. Presidente Prudente, UNESP, 1998. (mimeografado).

SPOSITO, E. S. a questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E de MRANDA. M.: EGLER. C. A. G (Orgs). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2000.

FERREIRA, Rau. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>. Acessado em: 25 de Março. 2013.